

Exemplo de Israel é ação

Os técnicos do governo brasileiro não vão descobrir em Tel-Aviv nenhum segredo, nenhuma fórmula mágica, que levaram ao sucesso o plano de controle da inflação em Israel. A receita é praticamente a mesma do Plano Cruzado, de fevereiro de 1986, e do Plano Bresser, de junho do ano passado. As medidas são conhecidas: congelamento de preços e salários, corte do déficit público, corte de zeros na moeda. Os brasileiros vão descobrir apenas isto: lá, metas são cumpridas, não ficam só na retórica e no papel.

Primeiro ponto: o déficit público só cai por força de corte real das despesas do governo e não por efeito de palavras em cadeia nacional de rádio e televisão. Congelamento de salário é acompanhado por um rigoroso controle dos preços. Ninguém tenta tirar vantagens da situação. No final, todos ganham — governo, empresários, trabalhado-

res. Quando o primeiro-ministro israelense Shimon Peres anuncia uma guerra para controlar a inflação, todo mundo acredita. E faz — não apenas fala — tudo para dar certo.

Israel, país em permanente estado de guerra, enfrentava problemas semelhantes aos do Brasil: grande déficit público, descontrole inflacionário, crise cambial e resistência à desindexação. Em 1985 quando a inflação israelense chegava à casa dos 1.000%, decretou o plano de emergência econômico em 1º de julho para controlar a inflação. Foi lançado o novo shekel, salários e preços três meses inalterados; desvalorização da moeda. O corte nos subsídios foi vigoroso: de US\$ 1,3 bilhão para US\$ 300 milhões. Em 86, a inflação ficou em 19,7%, pela primeira vez abaixo de 20% em 14 anos; o déficit público caiu para 3% do PIB (era de 12%).



AFP-17/05/88

Peres: palavras e atos